

MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR EM S. VICENTE – MADEIRA

26 de abril de 2013

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor Presidente do Governo Regional - Dr. Alberto João Jardim
Exmo. Senhor General Comandante da ZMM – Gen. Marco Serronha
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de S. Vicente – Dr. Jorge Romeira
Exmas. Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas
Minhas Senhoras e Meus Senhores
Caros Combatentes e Exmas. Famílias

Para os combatentes portugueses, nomeadamente para os combatentes madeirenses, S. Vicente está hoje no centro do nosso Mundo. Hoje, neste lugar do Portugal profundo, reunimo-nos para evocar um punhado de madeirenses que, na guerra do ultramar, caíram, servindo Portugal. Felicito a iniciativa das entidades autárquicas de S. Vicente e a ação da Direção do Núcleo do Funchal da Liga dos Combatentes.

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de S. Vicente. Os meus agradecimentos pelo convite que me foi formulado para que estivesse hoje convosco e o meu reconhecimento pelo facto de ver concretizada a aspiração que me transmitiu a última vez que aqui estive e debatemos esta feliz ideia. Mais um padrão se ergue para memória futura. Padrões normalmente erguidos com materiais de rija tempera, pedra e ou metal, capazes de resistir ao tempo e às circunstâncias e que perpetuarão o respeito e admiração das gerações de hoje e futuras para com aqueles que se bateram ou deram a vida pela Pátria. Hoje, tal como em S. Vicente, a Liga dos Combatentes está em Aljustrel e no Cadaval, onde se erguem Monumentos com idêntica finalidade e que se juntam aos mais de 200, levantados em todo o país e no estrangeiro, evocando o mesmo período da História recente de Portugal.

Nascem por vontade expressa das populações, das autarquias, dos combatentes.
Nascem de baixo para cima e não por imposição política ou ideológica.
Nascem porque a condição militar une os portugueses.

A Liga dos combatentes com a compreensão e apoio das autoridades vigentes prossegue desde há precisamente 90 anos os seus dois grandes objetivos estratégicos:

- A Promoção dos Valores
- A prática da Solidariedade

Hoje, evocamos os Valores Superiores de um povo, erguendo este Monumento que se deseja permanentemente vivo. Mas hoje, também apelamos a todos, responsáveis políticos, população em geral e combatentes em particular, para o facto de ser nossa responsabilidade moral tratar dos vivos. A criação de condições dignas para os vivos e que facilitem o apoio àqueles que tendo um dia sido chamados a sacrificar-se por Portugal, em sua defesa, de armas na mão, a vida não lhes sorriu. Apelo por isso, como Presidente da Liga dos Combatentes, una em todo o território Nacional, instituição que ultrapassou desde a sua criação, todas as crises e guerras que o País viveu, apelo dizia, para além da honra aos mortos, que não esquecemos, nem esqueceremos, para que o Governo Regional e o seu Presidente como Sócio Benemérito, apoie os combatentes madeirenses, enquanto membros da Liga dos Combatentes, como sempre fez, concretamente até 2008. A dedicação, determinação, frontalidade e tenacidade do atual presidente do Núcleo do Funchal da Liga dos Combatentes, Núcleo que há dez anos encontrei em situação difícil, tem permitido que a Liga dos Combatentes na Madeira, como felizmente em todo o País, seja uma instituição em que a utilidade, a visibilidade e consequente credibilidade conduzem à modernidade e ao crescimento. Prometemos, tudo continuar a fazer para que a casa do Combatente na Madeira seja uma casa de apoio ao combatente madeirense.

Os nossos Programas Estratégicos e Estruturantes, Liga Solidária, (apoio aos idosos) conservação das Memórias (dignidade dos lugares no mundo onde se encontram inumados os caídos por Portugal), Cultura, Cidadania e Defesa (promoção dos valores), Inovação e Modernização (organização atual e atuante), Passagem do Testemunho (às novas gerações das FA e FS) e Cuidados de Saúde (apoio à saúde física e mental), são hoje as grandes artérias da nossa atividade e a garantia da nossa perenidade. Somos mais de 500 dirigentes voluntários, que fizemos a Guerra do Ultramar e as Missões de Paz e Humanitárias, nos últimos anos foram criados 40 novos Núcleos, ultrapassando os Cem e inscrevemos mais de 20 000 novos sócios. O Monumento que hoje inauguramos na linha da dignificação do Talhão dos Combatentes no Funchal e da Casa do Combatente no Beco do Paiol, é pois mais uma pedra nesse grande edifício que continuamos construindo tal como o fizeram os nossos antepassados na prossecução dos valores e da solidariedade.

Quantas mães madeirenses viram ao longo da História de Portugal, partir seus filhos para lá do Monte, continuando a vê-los no horizonte? Permitam-me que eu vos leia um poema meu que dedico às mães madeirenses que viram seus filhos ir p'ro mar e que tem por título:

NO HORIZONTE

*Deixei meu filho ir p'ro mar
Ir p'ra longe da terra ... lutar!
Dizem-me que vai p'ra guerra
Poderá não voltar ...!*

*No cais
Muitas mães a chorar
Deixaram seus filhos ir p'ro mar*

*Não vão sós
Vão em vapor militar
Vão p'ra longe da terra ... lutar*

*Volto à serra, volto ao monte
Deixei meu filho ir p'ro mar
Continuo a vê-lo, no Horizonte!*

Ilustres madeirenses, ou madeirenses anónimos escreveram, de armas na mão, a obra dos Soldados de Mouzinho: Portugal.

São esses madeirenses cujos corpos estão espalhados pelo mundo inteiro, até àquele que há bem pouco tempo a Liga dos Combatentes trasladou da Guiné e trouxe até Paúl do Mar (Gabriel Telo) depois de uma muito digna cerimónia nacional com outros dois seus camaradas junto ao Monumento as Combatentes do Ultramar, em Belém. Hoje, S. Vicente é na Madeira o primeiro exemplo que gostaríamos de ver replicado em outros conselhos, à semelhança do que acontece em algumas partes dos Açores e aconteceu recentemente em Foz Coa, onde por iniciativa do Sr. Presidente da Câmara e o Diretor do Museu local se ergueram padrões em todas as freguesias do Conselho, num total de dezasseis com materiais característicos da Região. Somos todos testemunhas oculares que na profundidade do sentimento das gentes portuguesas, sejam madeirenses, açorianas ou de outro espaço nacional, existe um respeito e uma admiração profunda de gratidão para com aqueles que se viram obrigados a fazer a guerra por decisão política de então. Essa admiração e esse respeito não têm sido partilhados por vezes, por determinados patamares políticos.

O tempo levará muitos de nós, mas os que dentro de alguns anos ainda viverem, serão então certamente apontados como heróis de uma guerra que afinal acabou por marcar eternamente os destinos do país, tal como o conhecemos na nossa geração. Termino com um poema que dedico a todos esses heróis:

HERÓIS

*Não. Não navegam no sofrimento os que então cumpriram seu dever
De cabeça erguida, sem lamento, são da Pátria heróis sem o saber
Vivem!*

Vivem mesmo os que morreram

Todos!

Todos os que juntos sofreram

Vivem!

Vivem anónimos e altivos entre aqueles que os esqueceram

Hoje, grandes Homens ou mendigos são no Portugal atlântico e europeu

Heróis Pátria, mesmo desconhecidos

Heróis com nome, que a guerra não levou.

Vivam os Combatentes Madeirenses

Vivam os Combatentes por Portugal

Viva Portugal